

LUDOLFO, DE SAXÓNIA, ca. 1295-1377, O. Cart.

Livro de vita Cr[ist]i / [este que compos ho venerable meestre ludolfo prior do moesteyro muy honrado de argentina] ; [o qual mandou tresladar de latym em lingoagem portugues a muyto alta prinçessa infante dona ysabel ... ao muy pobre de virtudes dom abade do moesteyro de sam paullo. E foy corregido e reuisto com muyta diligencia por os reuerendos padres da ordem de sam francisco de emxobregas ...]. - [Lixboa : Nicolao de Saxonia [e] Vale[n]tyno de moravia, 1495]. - 3 vol. : il. ; 2º (38 cm). - Responsabilidades retiradas do colofão do 1.º vol. - Erros de foliação no vol. 3: f. CXXXVIII por CXXXVII. - O vol. 1 é composto pela 1.ª parte, o vol. 2 é composto pela 2.ª e 3.ª partes e o vol. 3 é composto pela 4.ª parte. - Livro impresso a preto e vermelho. - Pert.: Biblioteca da Manizola, PTULFL: RES 120-122. - Estado de conservação verificado : restauro químico e mecânico; 20061229; encadernação restaurada, PTULFL: RES 120-122. - Euphrosyne, n.º 29, 2001, p. 125-142 "A vita Christi de Ludolfo de Saxónia, em português: percursos da tradução e seu presumível responsável" / Aires Augusto Nascimento. - BN. - Obra digitalizada a partir do original. - Vol. 1: [14 agosto 1495]. - clxxxv f. - Ass.: a-z//8, []//8. - Vol. 2: [7 setembro 1495, 20 novembro 1495]. - lxxxviii, cxxiii, [1] f. - Ass.: aa-ll//8, A-O//8, P-Q//6. - Vol. 3: [13 maio 1495]. - clxxxv, [1] f. - Ass.: AA-XX//8, yy//8, zz//10

Valentim Fernandes, Alemão ou Moravo, natural da hoje República Checa (provavelmente de Brno), é um dos introdutores em Portugal da grande imprensa alemã, sendo o seu primeiro trabalho a impressão dos quatro grandes volumes da *Vita Christi*, na tradução portuguesa que lhe foi certamente entregue para tal efeito pela rainha Dona Leonor, mulher de João II. Pela técnica, o seu trabalho supera as impressões pioneiras que são o *Sacramental* e o *Tratado de Confissom* (1498), de impressores anónimos, levadas a cabo na vila de Chaves ou também outros trabalhos da autoria de João Gherlinc, umas e outras patrocinadas (ao que se julga) pelo arcebispo de Braga, D. Jorge da Costa. Durante muito tempo se considerou a impressão de Valentim Fernandes como a primeira feita em Portugal para texto em língua portuguesa; está hoje provado que não o é, mas é de qualidade excepcional o trabalho tipográfico por ele realizado.

Homem empreendedor, Valentim Fernandes chegou a Portugal, vindo de Sevilha, provavelmente em 1493, porventura atraído pelos interesses que haviam despertado no mundo alemão as navegações portuguesas num contexto em que as relações das cortes de ambos os países estavam facilitadas por afinidades de parentesco que havia entre os soberanos e também por interesses comerciais. Neste domínio teve Valentim Fernandes actividades em Lisboa, cabendo-lhe o exercício de tabelião para os seus compatriotas em 1503; por outra parte, recolhe informações sobre as viagens marítimas e transmite-as para a Alemanha. Apresentara-se ele, inicialmente, com materiais e saber para realizar entre nós as maravilhas da nova arte tipográfica. Foi larga a sua actividade nesse sector: à sua conta imprimiu 8 dos 28 livros publicados em Portugal antes de 1500; na primeira década do séc. XVI, dos primeiros 17 que foram impressos entre nós 9 são da sua oficina. Nos primeiros tempo tem por companheiro Nicolau da Saxónia; posteriormente, tem como sócios João Pedro de Cremona, Hermano de Campos e Nicolau Gazini do Piemonte.

De parceria com Nicolau da Saxónia e “a pedido e mandado” da rainha Dona Leonor, Valentim Fernandes assume a impressão da *Vita Christi* de Ludolfo da Saxónia em quatro volumes. A cronologia da impressão está bem determinada e revela boa capacidade técnica e operativa (não obstante algumas deficiências): começa pela IV

parte, que sai dos prelos em 14 Maio de 1495; passa ao Livro I, datado de 14 de Agosto seguinte; logo em 4 de Setembro sai o Livro II; por fim publica-se o Livro III, em 20 de Novembro. Nem todos os dados são líquidos neste processo: talvez seja em plano concertado com o rei e a rainha que começa pela parte IV (já que era de particular devoção dos soberanos o culto da Chagas de Cristo - o rei D. João II revelou à hora da morte que nunca negara nada a ninguém, diz o cronista Garcia de Resende); para a execução do trabalho, Valentim Fernandes importou caracteres (comprados possivelmente em Sevilha a Pedro Brun, Meinardo Ungut e Stanislaw Polono ou Companheiros Alemães), adquiriu letrinas capitais e algumas gravuras (o Calvário que figura no livro IV é de origem germânica), mas abriu outras gravuras em Portugal (o escudo português, os emblemas, a marca de impressor; talvez também a gravura da *Adoração* - sem que seja líquido que nesta as figuras ajoelhadas sejam as dos soberanos portugueses).

Merece atenção e reparo o colofon da *Vita Christi*, pois Valentim Fernandes ou foi mal informado ou não entendeu informações que lhe transmitiram: efectivamente, a tradução portuguesa do texto de Ludolfo da Saxónia não foi realizada por Fr. Bernardo de Alcobaça, (abade de S. Paulo de Almaziva) e muito menos o foi a pedido de D. Isabel de Urgel, duquesa de Coimbra e esposa do Infante D. Pedro, pois aquele cisterciense limitou-se a copiar para ela a tradução que ele próprio ajudara a copiar em Alcobaça. De facto a tradução remontava a D. Duarte (pelo próprio rei ou por alguém do seu círculo); havia sido levada para Alcobaça provavelmente por D. Estêvão de Aguiar, que a obtivera em manuscrito da própria corte real, certamente no tempo em que D. Pedro era regente do reino e aquele prelado era Esmoler-mor e tomava assento no Conselho de Estado (cf. Aires A. Nascimento, “A *Vita Christi* de Ludolfo de Saxónia, em português: percursos da tradução e seu presumível responsável”, *Euphrosyne*, 29, 2001, 125-142).

Sob o aspecto técnico, todas as análises consideram que a execução de Valentim Fernandes é de grande qualidade (cf. Artur Anselmo, *Origens da imprensa em Portugal*, Lisboa, INCM, 1981, pp. 146-206).

Aires A. Nascimento